

Encontros entre a Literatura e o Ensino de Biologia: uma entrevista com Maria Esther Maciel

Maria Esther Maciel¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG – Brasil

Luís Henrique Sacchi dos Santos, Leandro Belinaso, Daniela Ripoll (Editores): Em uma entrevista publicada em 2021 na *Revista Dobra*, você diz que “[...] cabe a nós, humanos, tentar imaginar o que se passa na esfera íntima de um animal, já que nossa razão é insuficiente para isso. Poetas e escritores dão-se a essa tarefa imaginativa para entrar na subjetividade não-humana” (Maciel, 2021b). O ensino de Biologia, como qualquer campo epistêmico de produção de saberes e de práticas, tem uma história, um currículo culturalmente construído em que a dimensão cognitiva, informativa, da formação é preponderante. Embora tal aspecto constitutivo venha sendo problematizado dentro do próprio campo de pesquisa com o ensino de Biologia, ainda há pouco espaço nas aulas escolares de Ciências para as dimensões ética e estética da formação, dimensões relativas à alteridade, à sensibilidade, ao estranhamento. Sabemos que você não se dedica a pensar o ensino em seus trabalhos acadêmico e literário, e também que a arte em geral e a literatura em específico não têm que dar respostas às questões do mundo. Contudo, como você refere em relação à personagem Elizabeth Costello, de Coetzee¹ – “o que pode a literatura fazer diante de tudo isso?” (Maciel, 2021a) –, perguntamos se você acha que o ensino sobre os seres vivos poderia ensaiar, na escola, contágios mais sensíveis entre as crianças e os jovens com os outros animais? Se, como você diz, a poesia, a literatura e a arte nos permitem tecer outros encontros, quem sabe menos hierárquicos com os não-humanos, que tipos de encontros poderiam ser promovidos com os não-humanos, que não passassem apenas pela cognição, pela razão?

Maria Esther Maciel: Qualquer pessoa dotada de empatia e sensibilidade pode imaginar o que se passa na esfera íntima de um animal e se colocar no lugar dele. O que os poetas e escritores fazem é transformar essa experiência em registro verbal, levando-nos a um outro tipo de saber, que não o meramente racional, sobre as alteridades não humanas. Tendo isso em vista, o ensino sobre os seres vivos não deveria se circunscrever apenas aos saberes legitimados pela razão e pelo conhecimento científico, mas também se abrir a esse exercício dos afetos e dos sentidos. Os estudos de Biologia, se contaminados por modos alternativos de apreensão do mundo e dos viventes que o habitam, podem romper as fronteiras curriculares, potencializando-se enquanto espaços também criativos de pesquisa e formação. Se formar alguém é dar-lhe uma forma por meio da instrução e do aperfeiçoamento, esse processo se intensifica ao desvincular a forma das fórmulas e se desviar dos limites do currículo.

Isso já tem sido praticado por alguns cientistas, como a etnóloga e escritora belga Vinciane Despret que articula suas pesquisas científicas com estratégias narrativas de grande inventividade no livro *O que diriam os animais?*, compondo um divertido abecedário que burla as normas taxonômicas e incorpora procedimentos fabulares para descrever peculiaridades comportamentais de diferentes bichos, com ênfase na inteligência desses viventes. Outro naturalista que se vale da inventividade para incursionar no mundo vivo não humano é o francês Bill François, com suas “histórias incríveis do mundo submarino” reunidas no volume *A eloquência da sardinha*, todo voltado para os habitantes das águas oceânicas e seus saberes sobre a vida.

Creio que esses autores mostram, por vias oblíquas, o quanto a literatura e as artes contribuem para a descoberta de outros tipos de conhecimento sobre a vida ao redor. Isso, porque nelas a cognição está atrelada à sensorialidade e à imaginação, possibilitando que nosso encontro com os viventes não humanos aconteça de maneira mais intrínseca e sensível, ainda que esse encontro não nos permita atravessar totalmente o que o escritor e artista John Berger² chamou de “abismo da não compreensão” que nos separa deles. Se a literatura não tem que dar respostas às questões do mundo, ela pode, sim, provocar novas indagações e nos mostrar que não existem respostas definitivas para o que está em constante movimento e nos surpreende a cada momento. Como já escreveu Carlos Drummond no poema *História Natural*, o “mundo não é o que pensamos”:

Cobras cegas são notívagas.
O orangotango é profundamente solitário.
Macacos também preferem o isolamento.
Certas árvores só frutificam de 25 em 25 anos.
Andorinhas copulam no voo.
O mundo não é o que pensamos (Andrade, 2002, p. 22).

A convivência com os bichos também ensina muito sobre eles fora dos limites da Ciência, desde que não sejam transformados em meros objetos de observação, nem em brinquedos a serviço do entretenimento

humano. Olhar *para* os animais, se possível trocar olhares com eles, espreitá-los sem invadir seus espaços de intimidade, respeitar suas particularidades enquanto viventes, reconhecer que são sujeitos que sofrem, têm sentimentos e inteligência, tudo isso contribui para que aproximações menos hierárquicas sejam possíveis. Claro que isso não vale para todas as espécies, pois há aquelas arredias ou indiferentes ao contato humano, refratárias à invasão do seu espaço. Nem todas permitem uma interação. Ainda assim, todas merecem nosso respeito, todas fazem parte da teia viva do mundo.

Editores: Em seu livro *Literatura e animalidade* (Maciel, 2021a) há um desejo, ao menos lemos assim, de que nós possamos nos afastar de uma subjetividade essencialmente humana e nos abrir para o que você chama de formas “híbridas de existência”. E diz: “[...] o homem se torna homem-lobo não por genealogia ou evolução, mas por contágio” (Maciel, 2021a, p. 25). Imediatamente nos lembramos do livro *Escute as feras*, da antropóloga Nastassja Martin. Nele, uma espécie de diário, de caderno de campo, se produz, através de um corpo em transformação, uma escrita contaminada por palavras em tensão, em rasura, por palavras tecidas no limite, em uma situação limítrofe. A antropóloga nos lembra que vivemos em um mundo habitado e percorrido por outros seres vivos. É incrível pensar que tal constatação, por mais simples que pareça, não se automatiza em nós. Mesmo em nós, professoras e professores de biologia, que ensinamos sobre as vidas não humanas. Os outros seres vivos, se não nos adoecem ou se tornam nossos *pets* ou nossos produtos de consumo, parecem estar muito distantes de nós, em um outro planeta até, sobretudo para quem vive em conglomerados urbanos. De qualquer modo, o que gostaríamos de pontuar com a lembrança deste livro-diário é que a autora narra, a partir de um encontro com um urso, sua lenta transformação em uma existência híbrida, como se algo do urso agora lhe habitasse o corpo, a subjetividade. E o tempo todo ela se pergunta se o mesmo efeito transformativo também se passa com o urso. Na sua opinião – e talvez respondendo como sua personagem Zenóbia, “zoóloga/botânica de estimação”, que nos parece, assim como Elizabeth Costello está para Coetzee, o seu mais próximo alter ego, a quem você chega a dedicar a *Pequena enciclopédia de seres comuns* (Maciel, 2021c), a Biologia ou o seu ensino poderiam ser aliados ou “mais aliados” das práticas de contágio, dos processos imaginativos e criativos atuantes na inscrição no mundo de formas “híbridas de existência”? E por que tal horizonte formativo, envolvido com a rasura de uma identidade cultural essencialmente humana ou animal, seria importante para a convivência entre os diferentes seres vivos, vistos de partida, quem sabe, nos termos de Bruno Latour (1994), como híbridos de natureza-cultura?

Maria Esther Maciel: Ao trazer o livro *Escute as feras* para a discussão sobre as formas híbridas de existência, vocês imprimem uma complexidade ainda maior à questão e deflagram novas reflexões. Sem dúvida, é impressionante o relato da jovem antropóloga Nastassja Martin sobre o seu encontro/embate com um urso nas montanhas de Kamchatka, que

a leva não apenas à travessia das fronteiras entre os mundos humano e não humano, mas também deixa em seu corpo e sua história uma inscrição/cicatriz que carrega toda a força do contágio, da impregnação. Uma experiência transformada em palavras contundentes e poéticas ao mesmo tempo.

Roland Barthes usou a palavra *imprinting* para designar o que deixa no outro uma marca, uma impressão. É o que acontece com a antropóloga e com o urso, simultaneamente. Ele arranca uma parte do rosto dela e três dentes, além de lhe quebrar o osso zigomático direito, causando-lhe muitos ferimentos. Ela, com um instrumento cortante usado em atividades de alpinismo, reage e ataca a fera que, também ferida, abandona a presa e foge. Trata-se de uma luta provocada pelo que a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol chamaria de “um encontro inesperado do diverso”. Mulher e fera se olham e, nessa troca de olhares, rasuram as fronteiras que as separam enquanto espécies. São duas animalidades em confronto. Do que resultam duas subjetividades atravessadas pelo contágio recíproco e novas formas de existência para ambos os viventes. Em cada corpo, uma inscrição, um *imprinting*.

Esse livro não deixou de reavivar um filme que vi há muitos anos: *O homem urso* (2005) de Werner Herzog, que conta uma história ainda mais trágica do cruzamento de fronteiras entre um homem e os ursos que ele estudava e com quem ele convivia no Alasca (Figura 1). A devoração final do homem por uma das feras nos diz que, nessa travessia dos limites entre o humano e o não humano, existe um ponto que não pode ser ultrapassado, já que no “encontro do diverso” as diferenças não desaparecem, as individualidades intrínsecas se mantêm, a distância se sustenta na proximidade. Sempre há um limite no próprio traspassamento dos limites. Timothy Treadwell³, após dez anos de pesquisa e filmagens no território dos ursos, foi além do que as feras permitiram, infringiu a fronteira das diferenças e, por isso, teve esse triste fim.

Figura 1 – Poster original do filme *Grizzly Man* (*O homem urso*, 2005), de Werner Herzog



Fonte: Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Grizzly_Man.jpg.

Livro e filme evidenciam, dessa maneira, que o “abismo da incompreensão” não é apenas uma metáfora. Torna-se necessária, diante de histórias como essas, o que Mathew Callarco, no livro *Thinking Through Animals* (2015) chamou de uma ética da diferença no trato das alteridades não humanas, visto que os outros viventes são eticamente diferentes de nós e irreduzíveis às nossas formas de compreensão, nossos projetos e interesses. Isso, apesar de vários deles possuírem faculdades e habilidades que muitas vezes se confundem com as nossas.

Os estudos de Biologia podem, certamente, se aliar a esses ensinamentos que a literatura, o cinema e outras artes trazem nesse campo das fronteiras (traspassáveis ou resistentes) entre natureza e cultura. Zenóbia já me mostrou isso em vários de seus escritos sobre bichos e plantas. Daí eu tê-la chamado de minha “zoóloga/botânica de estimação”. Ela soube aprender sobre o mundo vivo também pelo coração, *par coeur*, como diria Derrida. E buscou ensinar isso aos seus discípulos. Mas, nesse caso, trata-se de um coração que não se confunde com o órgão “arquivado em eletrocardiogramas, objeto de saberes e técnicas”. Daí o saber advindo dessa experiência também não ser aprisionável em categorias, técnicas e manuais científicos.

Editores: Enxergamos algumas conexões entre dois de seus livros publicados com mais de uma década de diferença um do outro. Falamos da obra *O livro dos nomes* (Maciel, 2008) e da *Pequena enciclopédia de seres comuns* (Maciel, 2021c). Vemos nas duas obras a construção de um comum atravessado tanto por gentes como por bichos e plantas. Um comum que se mostra híbrido através do desdobramento dos sentidos conferidos aos nomes populares dos seres vivos. Em ambos, a ficção é a chave para o encontro do leitor com essas vidas variadas, estranhas, inclassificáveis. Aliás, em *As ironias da ordem* (Maciel, 2009), fica muito evidente seu entusiasmo com a provocação, através da literatura e da pesquisa acadêmica, de um estranhamento a esse ímpeto classificatório, a essa pretensão de ordenamento que marca muitas práticas culturais desde o advento do Iluminismo no século XVIII, tais como as organizações das coleções zoológicas, para as quais você dedica um capítulo neste último livro citado. Como você deve supor, este ímpeto classificatório adentra fortemente o ensino de Biologia, tornando-o imbuído em delimitar precisamente os seres vivos, separá-los, descrevê-los, colocá-los em suas devidas ordenações. Nada mais distante da provocação encontrada em seus escritos. Neles, os seres vivos emergem narrados a partir da confusão, da cultura, do estranhamento, da mistura, da hibridação, da desordem, das intersecções. E toda esta “gambiarra” já está presente, você parece nos dizer, nos nomes populares dados aos seres. Tais nomes comuns não estão preocupados com a pureza, com uma catalogação precisa da vida. No ensino de Biologia, a força da classificação, da ordem, da precisão talvez solicite um gesto docente demasiadamente explicativo, controlador do saber circulante nas práticas pedagógicas. E, com isso, uma docência voltada à criação coletiva, à invenção narrativa é desmobilizada. Você acredita que uma docência pautada apenas na explicação informativa dos consensos científicos

impacta os modos como os seres vivos são narrados em sala de aula? Você imagina que seria possível aproximar o ensino de Biologia daquilo que você chama de uma razão animal, cuja expressão viva se produz pelo afeto, pelo corpo? Como poderia ser isso? Ainda, você poderia comentar a relação entre os seus trabalhos relativos aos nomes, aos inventários e às coleções (talvez mais localizados nos domínios da escritora), com aqueles mais focados em discutir o campo relacional entre a animalidade e a literatura (que poderiam ser localizados nos domínios mais acadêmicos)? Há alguma separação entre a escritora e a pesquisadora? Ou ambas bebem das mesmas fontes?

Maria Esther Maciel: O ofício de professora/pesquisadora e o de escritora não são, para mim, atividades dissonantes. São experiências distintas, mas afins, que se nutrem reciprocamente. Minhas investigações acadêmicas e atividades em sala de aula sempre foram importantes para o meu aprendizado/aprimoramento enquanto poeta e ficcionista, assim como as pesquisas que realizo não deixam de incidir fortemente no meu trabalho criativo. Por outro lado, o exercício poético-ficcional atravessa, de diferentes maneiras, o meu trabalho acadêmico. Quando iniciei minha investigação sobre os usos crítico-criativos dos sistemas de classificação do mundo e do conhecimento, também me pus a adotar muitos procedimentos taxonômicos em meus escritos de poesia e ficção. Os livros de ensaios *A memória das coisas* e *As ironias da ordem*, ambos sobre a presença de listas, inventários, catálogos, verbetes enciclopédicos e de dicionários nos trabalhos de escritores e artistas, tiveram sua contrapartida ficcional em *O livro de Zenóbia* e *O livro dos nomes*. Foi também graças a essa pesquisa, que se ampliou bastante, que fui parar nas antigas enciclopédias da natureza e nos bestiários medievais. Ler *A história dos animais*, de Aristóteles, partes da *História Natural* de Plínio, o Velho, as *Etimologias*, de Santo Isidoro de Sevilha, e o *Manual de zoología fantástica*, de Borges, foi minha via de acesso (ou de volta) ao universo dos bichos e das plantas. Digo “volta” porque esse universo sempre esteve presente na minha história pessoal.

No primeiro momento de minha investigação sobre o mundo zoo, eu me detive nas coleções de animais existentes e fantásticos, passando pelos catálogos descritivos e ilustrados da era medieval, até chegar a alguns outros escritores do século XX que também compuseram pequenas enciclopédias poético-ficcionais sobre bichos, entre eles, Jorge Luis Borges, com seu *Manual de Zoología Fantástica*, depois desdobrado em *O livro dos seres imaginários*. Vários escritores modernos e contemporâneos entraram no meu *corpus*, todos envolvidos na criação do que passei a chamar de “zoocoleções” literárias. Continuei, aí, a pensar na questão da insuficiência e provisoriidade das classificações científicas, motivada sobretudo pela figura desconcertante do ornitorrinco e pela categoria do “etcétera”, que escapam às ordenações convencionais e põem à prova as definições legitimadas. O ornitorrinco, como se sabe, possui características de aves, peixes e quadrúpedes, não podendo ser confinado inteiramente em nenhuma categoria zoológica. Ele desafiou

os conhecimentos dos taxonomistas ingleses quando foi encontrado na Austrália, em fins do século XVIII, convertendo-se, por seu caráter híbrido, em símbolo daquilo que nunca pôde ser classificado de maneira convincente.

Depois, meu olhar passou a se concentrar em outros registros literários, culturais, éticos e políticos desse universo, não circunscrito aos catálogos e coleções. E isso foi que me levou a uma reflexão mais ampla e transdisciplinar sobre a questão do animal, da animalidade e dos limites do humano. Para tanto, comecei a pesquisar narrativas e poéticas de diferentes contextos, voltadas para essas questões do mundo animal, atenta a questões éticas, políticas e ecológicas e à luz de diferentes campos disciplinares.

No âmbito da criação literária, a *Pequena enciclopédia de seres comuns* (Maciel, 2021c) incorpora todos esses elementos. É um híbrido, como o ornitorrinco, brinca com a onomástica e os verbetes enciclopédicos, além de incorporar também o “etcétera”. Nele, busco mostrar que o mundo natural é pródigo em espécies e indivíduos não humanos que surpreendem a nossa própria imaginação. Muitos deles embaralham os critérios taxonômicos e parecem ter saído dos livros de literatura fantástica. O imaginário popular tratou de levar esses aspectos fabulosos, inclassificáveis e desconcertantes para os nomes comuns dessas criaturas, valendo-se de associações livres, crenças, superstições, lendas e licenças da imaginação. Foi o que procurei explorar nos verbetes do livro, sem abrir mão das nomenclaturas científicas e informações encontradas nos compêndios de Zoologia.

Enfim, acredito que uma docência centrada apenas na explicação informativa dos consensos científicos tende a racionalizar excessivamente a abordagem dos seres vivos em sala de aula, deles subtraindo a condição de sujeitos, de viventes que participam conosco da orquestra da natureza. Imprimir uma dose de sensibilidade nesse enfoque é plenamente possível no ensino da biologia, assim como flexibilizar a razão pelo afeto e pela sensorialidade corporal, permitindo que venha à tona a expressão viva de uma razão animal.

Editores: Gostaríamos de propor agora uma pergunta mais simples que as anteriores, mas, talvez, não mais fácil. Muito do que existe no mundo se cria, quem sabe, nos nossos gestos de leitura. Um livro como *Jardim Zoológico*, do Wilson Bueno (1999), que você gosta e cita em alguns trabalhos, emociona ao nos conectar com uma história nossa, ameríndia, ancestral, ao mesmo tempo em que nos deixa atônitos, perdidos. Todas aquelas vidas improváveis passam a existir no ato da leitura. Com este apontamento queremos salientar a importância da escolha dos repertórios de leitura, escrita e imagética, que oferecemos aos nossos alunos, algo que há anos é defendido pelo campo dos Estudos Culturais em Educação⁴. Em uma entrevista de 2020 à *Revista Cult*, centrada em discutir seus trabalhos poéticos, você termina dizendo que “escrever, nesta hora do mundo, é atravessar as fronteiras da nossa própria humanidade para ver se ainda há caminhos possíveis para uma vida digna

de ser vivida e escrita” (Maciel, 2020). Se escrever é uma forma de se deslocar e se manter vivo, o ato da leitura talvez seja uma possibilidade de expandir e intensificar a vida. Nesta direção, você concordaria com a suposição de que ensinar Biologia (mas não apenas ela), ensinar sobre as vidas não humanas, passaria, necessariamente, por ensaiar em sala de aula outras escritas, também ficcionais, poéticas, e expandir horizontes de leitura?

Maria Esther Maciel: O instigante livro *Jardim zoológico*, de Wilson Bueno (1999), insere-se na ordem do ornitorrinco, pela dimensão híbrida e inclassificável que apresenta. O escritor paranaense soube, como poucos, brincar com as taxonomias, parodiar os verbetes dos antigos bestiários, inventar uma língua mestiça. Seus bichos são fronteiriços, transnacionais e transculturais. E com um outro diferencial em relação ao que se espera de um “bestiário”: os animais de Bueno vivem sua própria corporalidade, demonstram seus afetos e saberes sobre o mundo. Daí eu evocá-lo com frequência em meus trabalhos. É um livro que pode, a meu ver, ter um papel relevante no ensino da Biologia, por encenar a já referida “razão animal”. Algo que um outro autor – o italiano Alesandro Boffa – fez por vias muito distintas no livro *Você é um animal*, Viskovitz (Boffa, 1999). Sendo um biólogo de formação, ele parodiou a linguagem técnica dos tratados de Ciências Biológicas para compor uma série bem-humorada de vinte pequenos contos, sempre protagonizados por um animal chamado Viskovitz que assume e adquire a forma de diferentes espécies, que vão do micróbio ao porco. Ele embaralha ironicamente as fronteiras entre o humano e o não humano, numa nítida crítica às formas como a Ciência tem lidado com os bichos. Talvez seja uma obra interessante para ser lida por estudantes de Biologia, pois ela mostra como a ficção pode transfigurar os saberes científicos através da fabulação, do humor e da reflexão inventiva.

Lembro-me do que o líder indígena Ailton Krenak disse em um de seus livros. Segundo ele, a humanidade “[...] vai sendo descolada de uma maneira absoluta desse organismo vivo que é a terra” (Krenak, 2019), e para que o fim do mundo seja adiado, precisamos nos valer de nossas subjetividades, nossas visões poéticas sobre a existência. Isso poderia ser levado também para o ensino da Biologia, pois essa responsabilidade cabe também a todos que se voltam para as ciências da vida. Levar para os alunos outras escritas pautadas nessas subjetividades e visões pode despertá-los para a necessidade de reinvenção de nossa relação com o mundo natural.

O ato de leitura de poesia e narrativas de ficção se torna, assim, como vocês bem observaram, uma possibilidade de expandir e intensificar a vida. Para usar aqui as palavras do escritor argentino Ricardo Piglia, “na leitura, todas as emoções do corpo estão presentes, misturadas, enroladas”. Não à toa, ela é o maior impulso ao ato da escrita, como atestam inúmeros escritores de tempos diversos.

Editores: Em meados dos anos 1990, Maria Lúcia Wortmann, Nadia Souza e Eunice Kindel (1997) organizaram a coletânea *O estudo dos verte-*

brados na escola fundamental. Nela, há uma defesa de perspectivas ecológicas, históricas e evolutivas no estudo destes agrupamentos animais, bem como se tece uma crítica ácida ao utilitarismo e às narrativas antropocêntricas que valoram, com atributos demasiadamente humanos, os comportamentos dos animais não humanos. É incrível perceber a atualidade desta obra. Ela nos faz recordar os versos do poema “escondido”, de Adriana Lisboa (2021, s. p.), publicado em *O Vivo*:

infalivelmente simples
o que ele tinha a dizer
e de tão simples
nunca conseguimos pôr aquilo em prática

A crítica ao utilitarismo e ao antropocentrismo percorreu o ensino de Biologia e a Educação Ambiental nas últimas décadas. Uma mensagem crítica simples e, ao mesmo tempo, tão difícil de pôr em prática. Há uma frase lapidante no ensaio escrito por John Berger (em 1977, mas publicado no Brasil em 2021) intitulado *Por que olhar para os animais?* Ela diz: “[...] quanto mais sabemos, mais distantes eles [os animais] se tornam” (Berger, 2021). Essa frase, com toda a sua simplicidade, nos deixa, a nós, docentes envolvidos com o ensino de Biologia, quase sem ar, ofegantes. Como ferir esse ímpeto de poder-saber que nutrimos há séculos sobre os não humanos e que desemboca sutilmente em nossos atos docentes? Como tecer aulas que nos ofereçam outras possibilidades de convivência com os não humanos, outras narrativas? A pandemia do coronavírus pode ser percebida como uma crise de convivência? As mortes por covid-19 também resultam da negação (entre outras negações) de um excesso de pegadas humanas, de uma parte significativa de uma camaleante “humanidade”, no corpo vivo da Terra? Enfim, como sobreviver no Antropoceno?

Maria Esther Maciel: Essa inclusão de outras perspectivas que não apenas a científica na abordagem dos viventes não humanos é fundamental para o questionamento do antropocentrismo e do utilitarismo que contaminaram o ensino da Biologia. É um alento saber que, já nos anos 1990, essa coletânea tenha sido publicada, abrindo espaço para o surgimento de um pensamento mais prismático nos estudos biológicos, um pensamento que não se furta a reconhecer o que Berger disse no seu ensaio. Afinal, é impossível mesmo saber tudo sobre tudo o que existe. Há uma ilusão que alimenta isso que vocês chamam de ímpeto de poder-saber, decorrente da prepotência humana.

A pandemia tem a ver, sim, com a forma como a humanidade tem lidado com as demais espécies animais e outros reinos da natureza. O tráfico de animais silvestres, a devastação das florestas, a ganância capitalista, tudo isso evidencia a convivência cruel e predatória dos homens com o mundo natural, além de provocar a circulação de vírus e bactérias potentes, como os que têm infernizado nossas vidas.

A própria humanidade tem sofrido as consequências de seus atos e corre o risco de se tornar também uma espécie em extinção. “Vassalos que so-

mos (dizem que *sapiens*)”, como escreve Adriana Lisboa num outro poema, intitulado *Outro vivo*, estamos cavando, por meio da ganância e da violência, o nosso próprio desaparecimento no “caleidoscópio da vida”.

É urgente, portanto, que repensemos, antes que seja tarde demais, nossa relação com a natureza, fora dos limites do antropocentrismo e do especismo. Este é, sem dúvida, um dos maiores desafios éticos e políticos do nosso tempo.

Recebido em 15 de abril de 2023

Aprovado em 11 de julho de 2023

Notas

- 1 Trata-se da personagem do escritor sul-africano J. M. Coetzee (2002) do livro *A vida dos animais*. No livro de Coetzee, a personagem Elizabeth Costello é uma escritora australiana, “[...] vegetariana por opção ética, que denuncia a crueldade que marca a relação entre homens e animais na nossa civilização” (Maciel, 2021, p. 50).
- 2 John Berger foi crítico de arte e apresentou na Inglaterra a prestigiosa série televisiva da BBC “Modos de ver”, cujo livro homônimo foi lançado recentemente no Brasil pela Editora Fósforo. Autor de inúmeros romances, ensaios, peças teatrais e poemas, a Fósforo publicou em 2021 um dos seus livros mais proeminentes. Trata-se da coletânea de ensaios “Por que olhar para os animais?”.
- 3 Ambientalista e cineasta estadunidense que viveu e morreu entre os ursos do Parque Nacional de Katmai, no Alasca. Para maiores informações, ver: https://en.wikipedia.org/wiki/Timothy_Treadwell. Acesso em: 29 jan. 2023.
- 4 A partir de meados dos anos 1990, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), há o estabelecimento de um amplo campo de estudos – os Estudos Culturais em Educação –, que propõe uma desestabilização de saberes e práticas sociais naturalizadas. O campo dos Estudos Culturais em Educação no Brasil apresenta, como expoentes, Maria Lúcia Castagna Wortmann, Rosa Maria Hessel Silveira, Marisa Vorraber Costa e Alfredo Veiga-Neto (todos vinculados à UFRGS). Ao longo dos anos, mestrands e doutorandos foram sendo formados por esta primeira geração de pesquisadores/as, “espraiando” a perspectiva teórica pelos mais variados Programas de Pós-Graduação em Educação brasileiros. No ensino de Ciências e Biologia, notadamente, os praticantes dos Estudos Culturais passaram a assumir a Educação e a Ciência como produções culturais, tramadas em meio a disputas econômicas, históricas e sociais; além disso, passaram a analisar um amplo espectro de representações (de corpo, natureza, ambiente e saúde, por exemplo) a partir do entendimento de que elas são produzidas discursivamente, na escola e em uma pluralidade de outras instâncias culturais (cinema, jornais, revistas, literatura infantil-juvenil, propagandas, museus de ciência, etc.) e impactam os modos de ser e agir no mundo. Contemporaneamente, o campo dos Estudos Culturais em Educação tem provocado outras tensões - especialmente ao articular-se à Literatura e às Artes. Para saber mais sobre as histórias relacionadas ao campo, foram produzidos artigos, dossiês e livros. Sobre a constituição dos Estudos Culturais como campo teórico, é possível entender um pouco dos contextos nos seguintes trabalhos: o livro de Escosteguy (2001); o artigo de Costa, Silveira e Sommer (2003); o livro de Mattelart e Neveu (2004); o artigo de Restrepo (2015). Ver, também, todo o dossiê organizado por Wortmann, Costa, Ripoll e Bonin

(2015) na revista Educação, e o dossiê organizado por Wortmann, Santos e Ripoll (2019) na Revista Educação & Realidade. Sobre a invenção da articulação entre Estudos Culturais e Educação no Brasil, ver Wortmann, Costa e Silveira (2015); Bonin et al. (2020). Para entender os Estudos Culturais para além das fronteiras disciplinares, veja o livro organizado por Costa (2000).

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BERGER, John. **Por que olhar os animais?** Tradução: Pedro Paulo Pimenta. São Paulo, Fósforo, 2021.
- BOFFA, Alessandro. **Você é um animal**, Viskovitz. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BONIN, Iara Tatiana et al. Por Que Estudos Culturais? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, v. 45, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/4CVWx8PQzcSbQwN7WNRGhQr/#>. Acesso em 3 jan. 2023.
- BUENO, Wilson. **Jardim zoológico**. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- CALLARCO, Mathew. **Thinking Through Animals: Identity, Difference, Indistinction**. California: Stanford Briefs, 2015.
- COETZEE, John Maxwell. **A vida dos animais**. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, 2003. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FP-TpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jan. 2023.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-ameicana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Estudos Culturais, 8).
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- LISBOA, Adriana. **O vivo**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- MACIEL, Maria Esther. **O livro dos nomes**. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.
- MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- MACIEL, Maria Esther. “Escrever, nesta hora do mundo, é atravessar as fronteiras de nossa própria humanidade”. [Entrevista cedida a] Tarso de Melo. **Cult**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/maria-esther-maciel-entrevista/>. Acesso em: 9 fev. 2023.
- MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021a.
- MACIEL, Maria Esther. Literatura e subjetividade animal. **Dobra**, Lisboa, n. 7, p. 1-11, 2021b. Disponível em: https://revistadobra.weebly.com/uploads/1/1/1/8/111802469/1_maria_esther_maciel.pdf. Acesso em: 9 fev. 2023.
- MACIEL, Maria Esther. **Pequena enciclopédia de seres comuns**. São Paulo: Todavia, 2021c.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

O **HOMEM urso**. Direção: Werner Herzog. Produção: Kevin Beggs. Intérpretes Werner Herzog e David Letterman. Roteiro: Werner Herzog. EUA, 2005. 1 documentário (103 min.).

RESTREPO, Eduardo. Sobre os Estudos Culturais na América Latina. **Educação**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 1, p. 21-31, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/20325>. Acesso em: 2 jan. 2023.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber, RIPOLL, Daniela; BONIN, Iara Tatiana. Dossiê – Estudos Culturais em educação. **Educação**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 1, p. 21-31, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/issue/view/926>. Acesso em: 2 jan. 2023.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 1, p. 32-48, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441>. Acesso em: 2 jan. 2023.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela. Estudos Culturais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, v. 44, n. 4, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/3858>. Acesso em: 2 jan. 2023.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SOUZA, Nadia Geisa Silveira de; KINDEL, Eunice Aita Isaia. **O estudo dos vertebrados na escola fundamental**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997.

Maria Esther Maciel é professora titular de Literatura Comparada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, atua como professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É também escritora e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Publicou, entre outros, os livros *As ironias da ordem – coleções, inventários e enciclopédias ficcionais* (2010); *Escrever/Pensar o Animal – ensaios de zoopoética e biopolítica* (2011); *A vida ao redor* (2014), *Literatura e animalidade* (2016/2021) e *Pequena enciclopédia de seres comuns* (2021). Tem artigos e textos literários publicados em revistas e jornais de vários países.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3770-5322>

E-mail: memaciel@ufmg.br

Editores-responsáveis: Luís Henrique Sacchi dos Santos; Leandro Belinaso Guimarães; Daniela Ripoll

